

SENA

ALGUNS SINAIS

CCB

Trinta anos depois da publicação póstuma do seu extraordinário romance *Sinais de Fogo*, e no momento em que se fosse vivo Jorge de Sena completaria 90 anos, o CCB propõe um dia de evocação do autor de *Arte de Música*. Agente de uma certa ideia do amor (“só não é belo o que se não deseja ou o que ao nosso desejo mal responde”) e da liberdade (“o *resistir* a tudo o que pretende diminuir-nos ou confinar-nos”), Jorge de Sena foi acima

de tudo um agitador das ideias feitas, um corsário das palavras, um salteador de tesouros escondidos na nossa alma. Foi um fora-da-lei da consciência portuguesa do século XX, e é no desasossego que essa posição conota que se revela mais português e mais contemporâneo. Por isso, desde 1948 viu em Fernando Pessoa “um indisciplinador de almas”; por isso fez de Camões, o “seu” Camões, o mediador da aventura que é o seu constante diálogo com a pátria.

Poeta acima de tudo, mas também ensaísta, tradutor, ficcionista e investigador, Jorge de Sena fez do exílio uma razão acrescida de amar mais dolorosamente o país que era o seu. O seu regresso póstumo, já este ano, assinala uma espécie de reconciliação com Portugal.

Neste dia de evocação, haverá leituras de poemas e contos seus e de alguns dos seus ensaios sobre cinema e literatura, uma apresentação do romance que deixou incompleto e a projecção do filme que sobre ele foi realizado: *Sinais de Fogo*, de Luís Filipe Rocha.

Fundação Centro Cultural de Belém

1 NOV

Sala Almada Negreiros
A partir das 14h30



PROGRAMA

LEITURAS . 14h30 > 17h

Fernando Luís Sampaio

De *Sobre esta Praia...*
5 das 8 Meditações à beira do Pacífico
De *O Reino da Estupidez* -1
A Inflação Literária do Mundo Ocidental

Luísa Cruz

De *Arte de Música*
La cathédrale engloutie de Debussy
Bach: Variações Goldberg
Requiem de Mozart
Chopin: um inventário
Noite Transfigurada de Schoenberg

Mafalda Lopes da Costa

De *Visão Perpétua*
Sentemo-nos nas coisas...
Dona Urraca tem um Físico
De *40 Anos de Servidão*
Quem Fala de Partir
De *Sobre Cinema*
Rio Sagrado (Jean Renoir)
Os Trovadores Malditos
(Les Visiteurs du Soir - Marcel Carné)
Otelo - (Orson Welles)

Jacinto Lucas Pires

Poemas Advertência, Os paraísos artificiais,
Ode para o futuro, Balada das coisas e não,
Quando penso.
Páginas iniciais do conto O comboio
das onze.

Helena Barbas

De *Antigas e Novas Andanças do Demónio*
Um Conto Brevíssimo

De *Poesia III*,
O poema Em Creta com o Minotauro

PROJEÇÃO DO FILME . 17h15

***Sinais de Fogo* (1995)**

Antecedida por conversa com **Jorge Vaz de Carvalho** sobre o livro e com **Luís Filipe Rocha** sobre o filme
Duração do filme: 101 minutos. M/12 anos

Sinopse do filme

Portugal, Julho de 1936.
A ditadura de Salazar está consolidada e controla totalmente o país. Um grupo de adolescentes passa as suas férias de Verão na Figueira da Foz. No outro lado da fronteira começou a Guerra Civil de Espanha e, apesar da distância, a sua violência vai repercutir-se na vida destes jovens, lançando-os num turbilhão de intrigas políticas e paixões desencontradas que marcará tragicamente a sua passagem à idade adulta.

Tino Navarro apresenta: Diogo Infante – Ruth Gabriel em *Sinais de Fogo* um filme de Luís Filipe Rocha **Com** Marcantónio del Carlo – José Airosa – Rogério Samora – Henrique Viana – Caroline Berg – Glicínia Quartin **Fotografia** Edgar Moura **Som** Carlos Alberto Lopes **Direcção de arte** Rafael Palmero **Montagem** António Perez Reina **Música** Enrique X. Macías **Adaptação do romance** *Sinais de Fogo* de Jorge de Sena **Argumento e diálogos** Izaías Almada e Luís Filipe Rocha **Uma co-produção** MGN Filmes (Portugal) – Igeldo (Espanha) – AB Films (França) **Com o apoio** Fundo Eurimages do Conselho da Europa – Instituto Português da Arte Cinematográfica e Audiovisual – Centre National de la Cinematographie – Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales – Fundação Calouste Gulbenkian – Câmara Municipal da Figueira da Foz **Produção** Tino Navarro **Realização** Luís Filipe Rocha

Jorge de Sena

LISBOA, 1919 — SANTA BARBARA/EUA, 1978

Filho tardio e único de Augusto Raposo de Sena, natural dos Açores e comandante da marinha mercante, e de Maria da Luz Grilo de Sena, natural da Covilhã e doméstica. Segundo testemunho do próprio escritor, tanto a família paterna como a materna pertenciam à alta burguesia, tendo a paterna mostrado sempre “presunções de aristocracia velha e predominância de militares, altos funcionários, etc.”, ao passo que “a materna era sobretudo de poderosos comerciantes portugueses.”

Jorge de Sena teve uma infância retirada e infeliz, tendo feito a instrução primária e os primeiros anos do liceu no antigo Colégio Vasco da Gama, hoje desaparecido e substituído, no mesmo local, por um colégio de freiras. O restante do curso liceal fê-lo no Liceu Camões, onde foi, no sexto e sétimo anos de Ciências, aluno, em físico-químicas, de Rómulo de Carvalho que, sob o pseudónimo literário de António Gedeão, viria a notabilizar-se como poeta. Na Faculdade de Ciências de Lisboa efectua os estudos preparatórios para entrada na Escola Naval, com altíssimas classificações, sendo a ela admitido em 1937, portanto com 17 anos feitos, como n.º 1 do seu curso. Após uma “viagem de instrução” no navio-escola *Sagres*, é-lhe recusado o acesso a Oficial de Marinha, por falta de perfil necessário. Dessa ferida jamais se curará, visto o mar e o que este supõe de “andanças” ter-lhe sempre sido uma profunda atracção. Tendo que escolher entre as opções que os preconceitos burgueses da família consideravam aceitáveis, Jorge de Sena optou pela engenharia civil, que foi concluir ao Porto, com a generosa ajuda financeira de dois amigos que para sempre lhe ficaram fiéis: Ruy Cinatti e José Blanc de Portugal (ambos, também significativamente, de formação científica). Conclui o curso em 1944, mas, antes, publicara já poemas nos *Cadernos de Poesia* (revista que, posteriormente, co-dirigirá) e, em 1942, dera à luz o seu primeiro livro de poesia, *Perseguição*, que passou quase despercebido. Como já foi dito, a poesia de Sena chocava menos pelo que era do que por aquilo que não era: não era um lirismo ortodoxo, não era de fácil leitura, não era prolixa; mas era, em contrapartida, densa, concisa, difícil, pouco musical, onírica, agreste, inteligente e culta. Com vivências do surrealismo mas em muito o transcendendo.

Em 1947 inicia a sua carreira profissional como engenheiro civil (na Câmara Municipal de Lisboa, na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização e na Junta Autónoma de Estradas). Tendo casado com Mécia de Freitas Leça, em 1949, depressa teve que juntar, às tarefas inerentes à profissão, as de tradutor, director literário e revisor, o que impediu que se entregasse de modo mais profundo à obra de criação e investigação para que se sentia vocacionado e interiormente equipado. Isto e o ter participado num golpe revolucionário abortado que poderia vir a ter, eventualmente, consequências, levou-o a fixar-se, em 1959, no Brasil, primeiro, como catedrático contratado de Teoria da Literatura, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Assis, no Estado de São Paulo, depois, em 1961, como catedrático contratado de Literatura Portuguesa, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, cargo que desempenhou até 1965, ano em que a situação política no Brasil o leva a mudar-se para os Estados Unidos. No Brasil defendera, entretanto, tese de doutoramento em Letras e de livre-docência em Literatura Portuguesa, com o trabalho *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular*, e adquirira a cidadania brasileira, que conservaria até morrer. Nos Estados Unidos, Sena começou por aceitar o cargo de “visiting professor” na Universidade de Wisconsin, sendo, em 1967 nomeado catedrático do Departamento de Espanhol e Português. Em 1970 mudou-se para Santa Barbara, onde foi nomeado catedrático efectivo do Departamento de Espanhol e Português e, por acumulação, director do Departamento de Literatura Comparada. Aí viria a falecer em 4 de Junho de 1978.

A obra de Jorge de Sena é monumental em volume, em variedade (poesia, ficção, teatro,

crítica, ensaio, história, história literária, organização de antologias, tradução) e, frequentemente, de qualidade excepcional. Dando razão, em todos os pelouros, ao *mot* de Flaubert: “La poésie n’est point une débilite de l’esprit”, Jorge de Sena imprimiu a tudo o que escreveu um vigor, uma ironia corrosiva, uma energia ácida, um ousar quase, por vezes, à beira da loucura, um gosto (e uma capacidade) de subversão, um poder intelectual e espiritual, um apetite omnívoro de outras e diversas fontes culturais capazes de o alimentarem e excitarem, que dão ao *corpus* da sua obra uma força e uma monumentalidade quase monstruosas. Na ficção, citaríamos tudo: três colectâneas de contos, *Andanças do Demónio* (1960), *Novas Andanças do Demónio* (1966); *Os Grão-Capitães* (1976); uma novela, *O Físico Prodigioso* (1977), e um romance, fortemente autobiográfico, *Sinais de Fogo* (1979). Na poesia muitos dos poemas de *As Evidências* (1955), *Fidelidade* (1958), *Metamorfoses* (1963), *Peregrinatio ad Loca Infecta* (1969) e *Exorcismos* (1972) ficarão, por certo, a fazer parte do nosso património poético.

António Ramos Rosa, Eduardo Lourenço e Eugénio Lisboa contam-se entre os ensaístas que mais atentamente se dedicaram ao estudo e análise da obra de Jorge Sena.

in *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. IV, Lisboa, 1997

Fernando Luís Sampaio

Nasceu em Moçambique, em 1960. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa. O seu primeiro livro de poemas, *Conspirador Celeste* (Lisboa, 1981), ganhou o Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores. Está traduzido em espanhol, francês, italiano, inglês e romeno. O seu último livro intitula-se *Falsa Partida* (Assírio & Alvim, 2005, Lisboa). Outros livros publicados: *Sólon*, *Hotel Pimodan* e *Escadas de Incêndio*. Traduziu Pierre Klossowski, Charles Bukowsky, Ambrose Bierce, Wilma Stockenstrom, entre outros.

Lúisa Cruz (1962)

É uma actriz portuguesa. Licenciou-se em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, profissionalizando-se como actriz em 1985. Durante dez anos colaborou com o Teatro da Cornucópia onde, para além de Luís Miguel Cintra, trabalhou com encenadores como Rui Mendes, Adriano Luz, Christine Laurent, Stephan Stroux, Miguel Guilherme e José Wallenstein. Colaborou pela primeira vez com o Teatro Nacional S. João no espectáculo *Para Chopin – Piano Forte*, dirigido por Ricardo Pais e orientação musical de Pedro Burmester (1999), a que se seguiram *A Ilusão Cómica*, de Pierre Corneille (1999), *Linha Curva*, *Linha Turva* (1999), *Barcas*, de Gil Vicente (2000), *A Castro*, de António Ferreira, encenação de Ricardo Pais. Foi também dirigida por Giorgio B. Corsetti e António Pires. Integrou ainda o elenco de *A Vida É Sonho* (encenação de Luís Miguel Cintra/Teatro da Cornucópia) e *Uma Cama entre Lentilhas* (encenação de Jorge Pinto/Ensemble – Sociedade de Actores).

No Teatro Nacional D. Maria II são de salientar as suas interpretações em *Orgia*, de Pasolini (encenação de João Grosso) e em *Medeia*, de Eurípides (encenação de Fernanda Lapa). Para o cinema participou em filmes de Fernando Matos Silva, Leão Lopes e Teresa Villaverde (*Os Mutantes*). Na televisão, integrou o elenco de séries e telenovelas, além de ter participado regularmente em dobragens para filmes infantis. Participou em várias óperas no Teatro Nacional de São Carlos. Nos seus mais recentes trabalhos contam-se as prestações em *Sondai-me! Sondheim*, espectáculo a partir de canções de Stephen Sondheim, dirigido por Ricardo Pais e João Henriques; *Tudo Isto É Fado!*, no qual cantou fado acompanhada ao piano por Jeff Cohen; *Figurantes*, de Jacinto Lucas Pires, encenação de Ricardo Pais.

Em Março de 2005, juntamente com o pianista Jeff Cohen, lança o CD de fados *Quando Lisboa Anoiçe*. Em 2004, no âmbito do programa Portogofone, Lúisa Cruz e Jeff Cohen arriscaram um formato singular de fado acompanhado ao piano. Um surpreendente concerto fora de

horas, que a editora francesa Long Distance Productions recuperou em formato de disco. A escolha criteriosa do repertório permite, com ousada liberdade interpretativa, revisitar algumas das estações mais tradicionais e transgressivas da canção de Lisboa. Em 1989, recebeu o Prémio Melhor Jovem Actriz atribuído pela revista *O Actor* e o Prémio de Actriz Revelação atribuído pelo semanário *Se7e*. Em 2006, recebeu o Globo de Ouro (Melhor Actriz de Teatro – 2005).

Mafalda Lopes da Costa

Jornalista, autora e apresentadora do programa diário “Lugares Comuns” na Antena 1, directora da Revista *LER* da Fundação Círculo de Leitores/Bertelsmann de Junho de 2000 a Maio de 2007. Integrou a equipa de redacção da SIC Televisão entre 1995 e 2000 e da Tele-Expo/Expo 98 de Maio a Setembro de 1998. Colaboradora da TSF de Janeiro de 1992 a Junho de 2009, foi igualmente autora e apresentadora dos programas “Com os Livros em Volta”, “Da Capa à Contracapa” e do programa semanal de entrevista “Do Outro Lado do Espelho”. Com programas culturais de autoria, colaborou ainda com a RTP, Antena 2 e Rádio Geste. Na imprensa escrita, colaborou nas revistas *Grande Reportagem*, *Notícias Magazine* e *Rotas do Mundo*, e nos jornais *Expresso*, *Diário Económico*, *Público* e *Diário de Notícias*. É ainda autora e realizadora dos documentários *Manoel de Oliveira – Um Homem do Norte* (SIC – IPC, 1996) e *Histórias de Lisboa – Wim Wenders em Rodagem* (SIC – IPC, 1994). Licenciada em Língua e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa na variante Francês/Alemão.

Jacinto Lucas Pires

Nasceu no Porto, a 14 de Julho de 1974; vive em Lisboa.

Publicou vários livros pela editora Cotovia, entre os quais *Azul-turquesa* (ficção, 1998), *Livro usado* (viagem ao Japão, 2001), *Do sol* (romance, 2004), *Perfeitos milagres* (romance, 2007) e *Assobiar em público* (contos, 2008).

Escreve peças de teatro para diferentes grupos e encenadores – das quais podemos destacar: *Universos e frigoríficos* (1998, APA/CCB, encenação de Manuel Wiborg), *Figurantes* (2004, Teatro Nacional São João, encenação de Ricardo Pais), *Os vivos* (2007, O Bando, encenação de João Brites) ou *Silenciador* (2008, Teatro Oficina, encenação de Marcos Barbosa). Traduziu as peças *Thom Pain* de Will Eno, *Ácido Desoxirribonucleico* de Dennis Kelly e *A Febre* de Wallace Shawn. Faz parte, com Tomás Cunha Ferreira, da banda Os Quais – que lançou *Meio disco* em 2009. Realizou duas curtas-metragens, *Cinemaamor* (1999) e *B.D.* (2004). Foi-lhe atribuído em 2008, pela Universidade de Bari/Instituto Camões, o Prémio Europa – David Mourão Ferreira.

Helena Barbas (1951)

É Professora Auxiliar com Agregação no Departamento de Estudos Portugueses na FCSH-UNL. Fez o mestrado em Estudos Literários Comparados (1990). O doutoramento em Estudos Portugueses – Estudos Literários Comparados, teve por tema “Maria Madalena – História e Mito” (1998, publicado em livro em 2008). Em 2003, frequentou o mestrado em Inteligência Artificial Aplicada na FCT-UNL (Campus da Caparica), e desde 2005 é investigadora do CENTRIA (Centro de Inteligência Artificial). Em 2008 obteve a Agregação em Estudos Comparatistas – Literatura e Ciberartes. Publicou livros e vários ensaios, traduziu textos teóricos, romances, teatro e poesia. Colaborou com vários jornais, revistas e programas culturais da RTP. Escreve crítica literária para o *Expresso*. Actualmente, as suas principais áreas de investigação são narrativa interactiva digital, avatares, o uso de modelos de decisão da Inteligência Artificial no comportamento de agentes, e jogos sérios. Foi membro do InStory (2005-2007) – melhor projecto multimédia *web-mobile* português 2006. Está a preparar um projecto de jogos sérios, *Plato Mundi*, com o objectivo de introduzir problemas éticos e módulos de *e-learning* nos jogos.

Jorge Vaz de Carvalho

Mais conhecido como cantor lírico, pela sua carreira musical, nacional e internacional, J.V.C. é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Mestre em Literaturas Comparadas e apresentou uma tese de doutoramento em Estudos de Cultura, na Universidade Católica de Lisboa, sobre *Sinais de Fogo* de Jorge de Sena. Sena tem sido, de resto, autor privilegiado nas suas investigações literárias, palestras e conferências. Poeta, ficcionista e tradutor, foi director da Orquestra Nacional do Porto, a que deu dimensão sinfónica, e director do Instituto das Artes.

Luís Filipe Rocha

Sinceridade, honestidade e mãos limpas são as virtudes que se exigem do artista.

ANDREI TARKOVSKI

Os filmes de Luís Filipe Rocha – donos de uma sensibilidade própria e implacável e de um forte apego à realidade social –, onde o realizador transpõe as suas lutas para um plano humano – criam uma aproximação entre o espectador e as suas histórias. É a sua capacidade de contar a realidade com uma simplicidade crua e bela, que nos aproxima dela. Uma preocupação emergente com o quotidiano que se denuncia desde as suas primeiras obras, de cariz mais nitidamente político, aos seus filmes mais recentes. As histórias que conta aproximam-nos da vida. Luís Filipe Rocha nasceu em Lisboa em 1947. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Passou pelo teatro como actor, dramaturgo e assistente de direcção. Em 1975, realizou algumas curtas-metragens para televisão e em 1976 dirigiu a média-metragem *Barrinhos – Quem Teve Medo do Poder Popular*, um documentário que faz a reconstrução de um crime num bairro de lata, durante o Verão Quente de 1975. Logo a seguir realiza o filme *A Fuga*, com a participação de Luís Alberto, o realizador assina o argumento em co-autoria com Arnaldo Aboim. Em 1979, rodou *Cerromaior*, com base na emblemática obra de Manuel da Fonseca, que teve como protagonista o actor Carlos Paulo. Em 1983/1984, realizou *Sinais de Vida*, um filme sobre a vida e obra de Jorge de Sena, com Luís Miguel Cintra, Costa Ferreira e Clara Joana nos principais papéis.

Em 1990, realiza *Amor e Dedinhos de Pé*, uma adaptação da obra do escritor macaense Henrique da Senna Fernandes, com Joaquim de Almeida e a espanhola Ana Torrent nos principais papéis. Em 1994, rodou *Sinais de Fogo* (baseado na obra homónima de Jorge de Sena), com Diogo Infante como protagonista. Os argumentos dos dois filmes são partilhados com o brasileiro Izaías Almada. *Adeus, Pai*, de 1996, com os actores José Afonso Pimentel e João Lagarto, foi a sua obra com maior impacto junto do público. *Camarate*, obra que data de 2000, tem como protagonista Maria João Luís.

Em 2002 rodou *A Passagem da Noite*, com Leonor Seixas, um dos filmes portugueses mais premiados em festivais internacionais. *A Outra Margem*, de 2007, com Filipe Duarte, Maria D’Aires e Tomás Almeida, é a sua mais recente obra que tem feito um percurso notável em festivais um pouco por todo o mundo.

O FÍSICO PRODIGIOSO © DESENHO DE RUI KNOPFLI

CCB . CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL] . **CENTRO DE ESPECTÁCULOS** DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO INÉS CORREIA I PATRÍCIA SILVA I HUGO CORTEZ I INÉS LOPES I VERA ROSA ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES I PATRÍCIA COSTA I PAULA FONSECA ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA I ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES I SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA I CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO I SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS I TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS I LUIS SANTOS I RAUL SEGURO I TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO I F. CÂNDIDO SANTOS I VÍTOR PINTO I CÉSAR NUNES I JOSÉ CARLOS ALVES I HUGO CAMPOS I MÁRIO SILVA I RICARDO MELO I RODRIGO OLIVEIRA I RUI CROCA I CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO I EDUARDO NASCIMENTO I LUIS GARCIA SANTOS I NUNO BIZARRO I PAULO CACHEIRO I NUNO RAMOS I CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA I LUIS TEIXEIRA I VÍTOR HORTA

